

Filosofia, humanidades clássicas e ciências humanas e sociais: atualidade de uma agenda no Brasil de hoje

Ivan Domingues

UFMG

RESUMO

O artigo trata da relação entre Humanidades, Ciências Humanas e Sociais e Filosofia, considerada à luz dos projetos pedagógico e epistêmico das humanidades clássicas, tendo por fio condutor a Renascença italiana e os *Studia Humanitatis*, com a Filosofia como disciplina-piloto. Ao fazer o trânsito para a modernidade, com o surgimento das ciências humanas e sociais e o descentramento da filosofia, haverá o colapso dos projetos pedagógico e epistêmico dos *Studia* dos renascentistas, num ambiente de pesada cultura disciplinar, tendo por resultado a ultrafragmentação do conhecimento, levada a cabo sem qualquer perspectiva de unificação. O resultado é o mal-estar epistemológico, que vai junto com a ideia de perda de relevância da filosofia, ao se ver afastada dos processos pedagógico e epistêmico das ciências, e, paralelamente, das próprias disciplinas científicas, impedidas, em razão da ultrafragmentação, de nos dar uma visão unificada da humanidade e da realidade humana circundante. Tal situação levará ao questionamento acerca da oportunidade de relançamento do projeto pedagógico-epistêmico das Humanidades Clássicas, visando vencer o mal-estar epistemológico e a síndrome da irrelevância da filosofia e das ciências empíricas do homem. Contudo, como mostraremos, tal relançamento não poderá consistir numa volta aos *Studia* ou em sua retomada pura e simples, mas deverá dar-se em novas bases científicas e filosóficas, levado a cabo em bases interdisciplinares, e não mais holísticas, com a filosofia como disciplina-piloto, como na Renascença. Neste cenário, o Brasil será considerado e uma proposta condizente com o nosso contexto acadêmico e a realidade nacional nos dias de hoje será feita.

ABSTRACT

This paper deals with the relationship among Humanities, Social and Human Sciences and Philosophy, in the light of Classical Humanities epistemic and pedagogical projects, having Italian Renaissance and *Studia Humanitatis* as a driving force, with Philosophy as a pilot-discipline. When making the transition to modernity, with the rise of Social and Human Sciences and the overthrow of Philosophy, there will be a collapse of pedagogical and epistemic projects of Renaissance *Studia*, in the context of a hard-disciplinary culture, resulting the ultrafragmentation of knowledge, carried out without any unification perspectives. The outcome is the epistemological malaise, which carries the idea of a loss of relevance to Philosophy, by being put aside of pedagogical and epistemic processes of sciences. And, at the same time, put aside of scientific disciplines themselves, blocked – by the ultrafragmentation – from giving us a unified vision of mankind and surrounding human reality. Such a situation will lead to questioning of the possibility of relaunching of pedagogical and epistemic projects of Classical Humanities, aiming at overcoming the epistemological malaise and the syndrome of Philosophy and Empirical Human Sciences irrelevance. However, such relaunching cannot consist of a return to the *Studia* or in a pure and simple resumption, but it should give place in new scientific and philosophical backgrounds, carried out on interdisciplinary bases, not any more holistics, with Philosophy as a pilot-discipline, as in the Renaissance. In this scenario, Brazil will be taken into account and a proposal will be presented, in accordance with our academic context and our national reality nowadays.

PALAVRAS-CHAVE

Humanidades; *Studia Humanitatis*; Projetos Pedagógico e Epistêmico; Ciências Humanas e Sociais e Filosofia; Renascença; Modernidade; Brasil.

KEY WORDS

Humanities; *Studia Humanitatis*; Pedagogical and Epistemic Projects; Classical Humanities; Social and Human Sciences and Philosophy; Renaissance; Modernity; Brazil.

Este artigo retoma uma palestra proferida em evento organizado pela ANPOF em junho de 2021, numa mesa tendo por tema *Filosofia e Humanidades*. O meu propósito é elucidar a relação entre Humanidades, Ciências Humanas e Sociais e Filosofia ao longo da Modernidade, atento às continuidades e às mudanças. Na ocasião, devido à limitação do tempo, a apresentação consistiu em dois tópicos, com prevalência da matriz europeia, tendo eu compactado as referências ao Brasil. Agora, ao transformar a palestra em artigo, aumentando-lhe o escopo, resolvi incluir um terceiro tópico, como segue, e assim, fazer uma referência mais alentada sobre o nosso país e a atualidade do programa das Humanidades ao ser transladado para cá, neste momento complicado de nossa história. Para tanto, desenvolverei os tópicos em três blocos temáticos.

No primeiro bloco, ao introduzir o assunto, em busca do fio da meada da relação entre Filosofia e Humanidades, tomarei como ponto de partida os *Studia Humanitatis* dos renascentistas, que estão na origem do termo *Humanidades*, quando tudo começou, uma parte das Ciências Humanas tendo surgido deles, que incluíam também a Filosofia.

No segundo bloco, indagarei a relação entre Filosofia e Humanidades na cena contemporânea, com a universidade dos dias de hoje em mente, caracterizada pela especialidade disciplinar e a segmentação dos campos do conhecimento, levando à prevalência das ciências naturais e das áreas profissionais sobre as Humanidades. Caberá perguntar se o projeto dos *Studia Humanitatis* dos renascentistas teria alguma plausibilidade de ser relançado nos dias de hoje, como poderia se dar uma eventual retomada, com quais ajustes, e que papel poderia ser reservado à Filosofia.

No terceiro e último bloco, perguntarei pelo Brasil e em quais direções o programa dos *Studia* deveria ser reatualizado para se estender à nossa realidade e fazer frente às urgências do tempo.

1. *Studia Humanitatis*¹

Passando para o primeiro bloco, sem poder desenvolver todas as ideias, vou me limitar a elencar os principais traços que definem os *Studia Humanitatis*. Precisamente, atendo-me ao tema do dossiê, considerando, porém, minha formação de epistemólogo, a investigação incidirá sobre os *Studia* como programa de ensino e

¹ As fontes do 1º tópico são Eugenio Garin e Paul Kristeller, tendo Garin estudado e atuado na Universidade de Florença, falecendo em 2004, enquanto Kristeller, alemão radicado nos EUA desde a segunda guerra mundial, atuou em Yale e terminou sua carreira em Columbia, em Nova York, falecendo um pouco antes de seu colega italiano, em 1999. Deles eu consultei três obras: de Garin, dois livros, *Educazione umanistica in Italia*, Laterza, 1975, este uma obra autoral, o qual eu aproveitei muito pouco, e *O homem renascentista*, com tradução portuguesa em 1991, do qual foi o organizador e nele publicou uma preciosa introdução, com o mesmo título do livro, bem como um capítulo inspiradíssimo, “O filósofo e o mago”. De Kristeller eu consultei o seminal *Tradição clássica e pensamento do renascimento*, saído em inglês em 1995 e tradução portuguesa pelas Edições 70.

proposta epistemológica, com a atenção voltada para a filosofia e as disciplinas que constituíam esse campo de estudos, incluindo o contexto, as informações históricas e algumas notas biográficas.

1. A Renascença italiana, de longe a mais importante, durou cerca de trezentos anos, entre os séculos XIV e XVI, especialmente no norte da Itália e tendo se estendido a outras nações da Europa, como a França e os Países Baixos.

2. O pai da Renascença italiana e, por extensão, do humanismo renascentista é Petrarca, renomado poeta autor de *Il Canzonieri* e *Trionfi*, publicados em língua vulgar, o toscano, tendo ele vivido nos trezentos e falecido em 1374.

3. Já o pai dos *Studia Humanitatis* – em português Estudos de Humanidades, chamados mais tarde de Estudos Clássicos –, o pai dos *Studia*, digo, é Coluccio Salutati: expressão que ele cunhou para designar a nova concepção de educação de seu amigo Petrarca, sendo ele um pouco mais novo.

4. Os *Studia*, em sua abrangência e liberdade, a depender dos mestres, incluíam Gramática, Retórica, História, Poesia (Poética Literária) e Filosofia Moral, abarcando a Ética e a Política, trazidas para o dia a dia e com forte ênfase nas questões práticas.

5. Os *Studia* acarretaram a reforma do sistema de ensino da universidade medieval, ou antes italiana, distinguido em duas etapas: (a) um ciclo introdutório de cerca de dois anos, oferecido na Faculdade de Artes; (b) um ciclo de estudos especializados oferecidos nas Faculdades Superiores de Medicina, Direito e Teologia.

6. Disciplinas do primeiro ciclo de estudos na universidade medieval: um total de sete, chamadas de sete artes liberais, à diferença das artes mecânicas, consagradas a ofícios práticos, como a arte das embarcações, da fabricação de instrumentos musicais e da construção civil, ensinadas nas corporações de ofício e nos ateliês dos artistas. As sete artes liberais ficando reservadas às universidades, nas Faculdades de Artes, e assim distribuídas:

Trivium das artes sermonicales (artes do discurso): Gramática, Retórica e Lógica;

Quadrivium das ciências: Geometria, Aritmética, Astronomia e Música (Musicologia).

Sobre os termos *Trivium* e *Quadrivium*, não há muito o que dizer, bastando a etimologia: do latim *tri* / *quadri* + *via* / *viae* / *vium*, com o sentido trivial de via ou caminho, três e quatro especificamente, podendo ser aplicados às mais variadas situações, como as trifurcações, e resultando, ao serem estendidos às universidades, na ideia de percurso ou ciclo de estudos: especificamente, ciclos introdutórios ou prolegômenos às faculdades superiores, as três já referidas.

7. Incidência dos *Studia Humanitatis*: não sobre o *Quadrivium* das ciências, que continuou tal qual, mas sobre o *Trivium* das artes, retendo a Gramática e a Retórica, mas em novas bases, deixando intacta a Lógica, que ficava com os aristotélicos, e incorporando História, Poesia (Literatura) e Filosofia Moral. Então, rigorosamente,

o *Trivium* deixou de existir, passando a possuir sete disciplinas, não digo em todas as universidades italianas, mas naquelas que se abriram aos *Studia* e sofreram a sua influência, como, por exemplo, a Universidade de Florença.

8. Características dos *Studia Humanitatis*:

Unidade Filosofia/Ciência: acomodação dos *Studia* ao *Quadrivium* e à ciência aristotélica.

Erudição/Reticorização: os *Studia* eram, antes de tudo, estudos dos livros, dos clássicos gregos e latinos, definindo-se como erudição e caracterizados pela retoricização, ao promoverem a fusão da filosofia com a retórica, tomando como modelo Cícero, que já havia feito a unificação.

Sentido holístico: os *Studia* deram vazão a uma visão unificada do homem e da natureza, fundada sobre a réplica do microcosmo e do macrocosmo, ou de seu espelhamento, como se fossem um espelho de mil lados.

Mensagem humanista: os *Studia* propugnavam, além do mais, uma visão *antropocêntrica* do mundo e, por extensão, *eurocêntrica*. De fato, um mundo não mais medieval, e cujas fronteiras já se dilatavam na direção da Ásia, do sul da África e das Américas, com as navegações de longo curso, e tendo alcançado o ponto alto de sua mensagem – não mais em pronto alinhamento ao humanismo cristão, mas clássico, ou seja, grego e romano – no seminal *Discurso sobre a dignidade do homem*, de Pico de la Mirandola, publicado em 1496.

Nova proposta pedagógica: os *Studia* se caracterizavam pela maior abrangência do que a escolástica medieval e por uma proposta pedagógica diferente.

Idade Média: a universidade medieval estava marcada por um ensino instrumentalizado, com a filosofia se definindo como linha auxiliar, dando azo ao famoso dístico *Philosophia ancilla theologiae*, destronando a antiga rainha do saber e fazendo dela a serva ou escrava da teologia. Isso, no mesmo passo em que reservava ao *Trivium* e ao *Quadrivium* o papel de propedêutica aos três “cursos” superiores, como já comentado: Direito, Medicina e Teologia.

Renascença: os *Studia* eram caracterizados pela proposta de ensino autônomo, com fim neles mesmos, devolvendo à Filosofia sua antiga centralidade, ao fazer a fundamentação e proporcionar a articulação dos estudos humanistas. E desde logo, ao associá-la não mais com a Teologia, mas com a Retórica, na esteira da função pragmática da linguagem (linguagem como veículo das emoções e das paixões humanas, bem como meio ou instrumento da ação). Da mesma forma que os *Studia*, com a Filosofia ao centro – Filosofia Moral, no caso –, eram ensinados nas universidades, nas Academias, como a de Florença, no ensino médio, no ensino fundamental e nas casas da alta aristocracia.

Nova proposta epistemológica: os *Studia* estavam pautados pela fusão da Erudição (Estudos Clássicos: Cícero, por exemplo), da Ciência grega (Ptolomeu, Eudóxio, Arquimedes, Aristóteles, como a *Parva Naturalia* e a *Física*), da Magia natural (alquimia/tradição hermética: Agrippa e Paracelso) e da Filosofia (Platão e Aristóteles, especificamente, no caso do Estagirita, a Ética, a Política e a Poética).

Filosofia: os *Studia* patrocinaram um novo modo de fazer filosofia, às voltas com os problemas práticos do dia a dia, ao fazer do filósofo ao mesmo tempo o médico da alma, promovendo a fusão do mago e do pensador, e ao mesmo tempo um cidadão do mundo, com forte envolvimento com as urgências do tempo e a vida da cidade. Donde as ideias de filosofia civil e de humanismo cívico, que vão juntas, fundadas sobre a distinção entre *vita activa* e *vita contemplativa*, com suas duas vertentes: de uma parte, com Petrarca escolhendo a *vita contemplativa*, entregue à solidão de seus pensamentos, e havendo outros filósofos ilustres, como Marsílio Ficino, consagrado à filosofia platônico-especulativa; de outra parte, com Salutati, Leonardo Bruni e León Battista Alberti escolhendo o polo da *vita activa*, e como eles, a maioria dos filósofos e pensadores renascentistas, até Maquiavel².

Passo agora para o segundo bloco: a relação entre Filosofia e Humanidades, hoje.

2. Filosofia e Humanidades hoje³

Várias são as perguntas que estão no ar: de que “Humanidades” estamos falando? Estamos falando das Humanidades quando elas surgiram? Tem sentido a ideia de

² Sobre a segunda vertente, creio que algumas notas biográficas serão suficientes para clarificar os diferentes significados do engajamento prático, para não dizer político, dos filósofos renascentistas.

Por um lado, temos Salutati e Bruni com envolvimento direto com a política, ambos chanceleres de Florença, num tempo em que a cidade vivia em guerra permanente contra Milão.

Por outro, há Alberti com outros envolvimentos, tendo sido conselheiro de arquitetura do Papa Nicolau V e estado à frente dos certames literários realizados em frente à catedral de Florença. Ou seja, um tipo de torneio chamado de “certames coronários” – do latim *corona* = coroa, com o vencedor sendo laureado com uma coroa de prata –, que tinham lugar todos os anos com o patrocínio de Cósimo de Medici e o apoio da Universidade, visando promover as artes e celebrar os poetas da cidade.

Além de estar à frente, Alberti foi o pai ou o idealizador dos Certames, em cujos registros vamos encontrar o eminente renascentista, que tinha uma mente privilegiada e era um gigante em tudo que fazia, com seus múltiplos talentos de polímata, mas não uma unanimidade, e ninguém é, vamos encontrá-lo, repito, em meio a desavenças desgastantes com o júri e o *establishment* da cidade famosa.

E o que é importante, tirante esse inconveniente das querelas, que não desabona em nada a iniciativa, que iria se perpetuar depois pelo mundo afora em novos moldes: um certame poético-literário com o objetivo de celebrar obras em língua vulgar, o toscano, cuja gramática, a primeira de uma língua neolatina, foi estabelecida justamente por Alberti.

³ Para o segundo bloco, as referências são os estudos de minha autoria consagrados à epistemologia das ciências humanas e sociais, desde a minha tese de doutorado, resultando no livro *O grau zero do conhecimento* e em outros que lhe seguiram, voltado para o exame de Durkheim e Weber, um, e de Lévi-Strauss, outro, todos pela Loyola. Somam-se ainda a monumental história das ciências humanas de George Gusdorf, *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault, a cujo exame eu acabo de publicar um livro pela Editora UFMG, e *As duas culturas*, de C. P. Snow. Por fim, ainda no

relançar ou de falar de *Studia Humanitatis* nos dias de hoje? Que ajustes deverão ser feitos? Qual o lugar da Filosofia e o papel do Filósofo?

Antes de mais nada, é preciso deixar claro que o projeto pedagógico e a proposta epistemológica dos renascentistas, tendo os *Studia* como ponto alto, mas não apenas eles, pois há também as artes e a arquitetura como ofícios, certamente tais estudos muito influenciaram e abriram alas para a Filosofia e a Ciência moderna. Contudo, muita coisa ficou para trás, como página virada, levando ao fim do hermetismo e do ocultismo, como um dos rostos dos renascentistas mais célebres, a exemplo de Paracelso, Agrippa e Giordano Bruno, este já no desenlace do período, bem como o fim dos próprios *Studia*, que muitos veem na origem das Ciências Humanas e Sociais. Trata-se, porém, de uma meia-verdade, como mais um exemplo da ilusão retrospectiva, conhecida dos historiadores, e que vai junto com o anacronismo, contra os quais devemos nos acautelar. Tudo somado, as coisas não se passaram assim e, de fato, o vínculo entre Humanidades e Ciências não é direto, menos ainda óbvio, não havendo uma linha contínua a ligar os dois períodos.

Duas são as ordens de considerações que farei na sequência: numa vertente, considerações terminológicas; noutra vertente, considerações históricas – numa e noutra, com o jargão técnico e a história das ciências humanas na linha de frente.

A ideia que devemos ter em mente, ao fazer essas duas ordens de considerações, é a visão largamente difundida segundo a qual as Humanidades hoje são o outro nome para as Ciências Humanas, incluindo, no entanto, a Filosofia, e neste sentido estariam ligadas aos *Studia Humanitatis*. Contudo, ao considerarmos o programa pedagógico e a proposta epistemológica dos *Studia*, veremos que a Modernidade não retomou os *Studia*, mas os deixou para trás e colocou em seu lugar uma outra coisa.

Sobre o projeto pedagógico, no início da Era Moderna, em países como Itália, França, Espanha e Portugal, no ambiente da Contra-Reforma levada a cabo pela Igreja Católica, os *Studia* cederam a vez à *Ratio Studiorum* dos jesuítas. Esta última promoveu a volta da escolástica medieval, ao criar a segunda escolástica, com a Teologia na linha de frente, em meio a um programa de educação total – do ensino fundamental, passando pelo ensino médio, até o ensino superior. Depois, com a entrada em cena das ciências novas na universidade europeia, como no caso da Fí-

plano epistemológico, resalto a *História da análise econômica*, de J. Schumpeter, publicado postumamente, em 1954. Para as referências pedagógicas, abarcando os temas da interdisciplinaridade, do taylorismo acadêmico e da universidade ao longo da história, seus principais modelos institucionais e a busca de alternativas, ver a minha *Homepage* (www.ivandomingues.com.br), onde serão facilmente identificados os artigos de minha autoria, bem como os livros coorganizados por mim que saíram pelo Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) da UFMG. Ao longo do segundo bloco referências mais pontuais serão assinaladas.

sica, com Newton ensinando em Cambridge e Galileu em Pádua, além da Arquitetura e das inúmeras Engenharias, estas por volta do séc. XIX, somando-lhes ainda as Ciências Humanas e Sociais, num ambiente cada vez mais laico, assistiremos ao abandono de toda pedagogia unificada ou integrada. Precisando as coisas, tal abandono se deu não apenas nas universidades, cuja face externa mais conhecida foi o choque das culturas humanística e científica, como também foi enterrada a veleidade de unificar os três níveis de ensino, seja com o ensino médio bem dividido em estudos clássicos e científicos, seja misturando os dois sem qualquer unidade pedagógica – e isto nas melhores experiências do ensino médio na França, na Alemanha e na Inglaterra, bem como nos Estados Unidos.

Por seu turno, a proposta epistemológica dos *Studia* que revolucionou o *Trivium* medieval não terá continuidade na primeira Modernidade e menos ainda na segunda, quando as ciências novas surgiram e se consolidaram. Várias são as razões, algumas de natureza epistêmica, vinculadas à natureza do conhecimento e à visão de ciência, assim como da filosofia, outras de ordem histórica, ligadas à história das ciências e em especial ao surgimento das Ciências Humanas, em grande parte alheias ou independentes dos *Studia*.

Começo pelas razões epistêmicas. Por um lado, a Modernidade protagonizará o fim da *Eruditio* e da visão de Filosofia e da Ciência lastreada na fusão da Erudição e da Retórica, ao abrir as rotas das ciências empíricas – experimentais ou observacionais – no mesmo passo em que se consumará no século XIX o declínio da identificação entre Filosofia e Ciência. Da mesma forma que no início da modernidade, por volta do séc. XVII, ocorrerá a separação entre Filosofia, Ciência e Magia Natural, assim como a cisão do Mago e do Pensador, abrindo caminho para o surgimento da Filosofia Técnica e do Filósofo Profissional ou do *Scholar*. Por outro lado, haverá a cientificização das disciplinas dos *Studia Humanitatis*. Não digo a cientificização de todas, com a Retórica saindo do sistema do saber e se refugiando, como eloquência, nos parlamentos e nos tribunais, mas das demais disciplinas dos *Studia*, que não resistirão aos encantos da ciência nova e passarão a ostentar os lustros da cientificidade, como a formalização e o embasamento empírico, nas diferentes etapas da ciência nos tempos novos. Assim: [i] a Gramática, num primeiro momento, vai se abrigar no paradigma cartesiano da *Mathesis Universalis*, não mais como gramáticas particulares, como nos *Studia*, com Alberti escrevendo a primeira gramática de uma língua neolatina, o toscano, como vimos, e abrindo alas para outras, mas como Gramática Geral, buscando seu fundamento na nova Lógica: a Lógica de Port-Royal, abrindo num segundo momento, nos séculos XIX e XX, o caminho que nos levará à Linguística; [ii] a Filosofia Moral, ao dar passagem para as novas Ciências Morais na esteira do paradigma newtoniano, seja como Psicologia Moral, como no caso de

Smith na sua *Teoria dos sentimentos morais* e sua contraparte em Economia, seja como *Ciências Morais* propriamente ditas, tendo por objeto a natureza humana em seu conjunto, como Hume na *Investigação sobre os princípios da moral*. Especialmente Hume, de quem se diz que foi o Newton das Ciências Morais, havendo ainda Condorcet na França, ao propugnar a Matemática Social em seu *Tableau* famoso, onde fala igualmente de “Sciences morales” – um caso e outro para ficarmos com os exemplos mais conhecidos; [iii] a História, visada como o prolongamento da Filosofia Moral pelos renascentistas, na esteira da *Historia Magistra Vitae* dos romanos, trocará a senda da *Eruditio* de Lorenzo Valla⁴ pela via da Ciência da escola histórica alemã, no séc. XIX, com Ranke na linha de frente, ou então pela via da Escola dos Anais, na França, ao longo do séc. XX; [iv] por fim, a Poética Literária, e desde logo Filosófica nos renascentistas, ao seguir as pegadas de Aristóteles, receberá no séc. XX os lustros da ciência, como Teoria Literária, nas Faculdades de Letras da Universidade contemporânea.

Passo agora às razões históricas, primeiro à história das Ciências Humanas como campo do conhecimento autônomo, que teve início no séc. XIX, depois à história das disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, ao retomar o tópico já iniciado na análise das mutações epistemológicas observadas na passagem dos *Studia* à Ciência Moderna, com as cinco disciplinas renascentistas em primeiro plano.

Sobre a história das Ciências Humanas e Sociais como campo do conhecimento, será preciso considerar sua proto-história, podendo ser recuada ao século XVII, quando Hobbes desvia a Política das rotas da Filosofia Moral para tomar a via da Matemática, Geometria mais especificamente, e funda a *Política More Geometrico* em sua obra seminal *O Leviatã*. Tal proto-história poderá ser recuada até os *Studia Humanitatis*, como acabamos de ver, quando a Gramática, a Poética, a História e a Filosofia Moral entraram desde o séc. XVII nas diferentes rotas da Ciência Moderna e foram arrancadas dos *Studia* onde estavam encerradas como disciplinas da Erudição. Então, em vez de continuidades, deveremos ver cisões ou clivagens, havendo a troca da centralidade da Retórica pela da Lógica e da Matemática. Em vez das Humanidades como o outro nome das Ciências Humanas, deveremos ver o abandono do termo, junto com o esforço dos cientistas e dos filósofos dos tempos modernos de cunhar um novo vocábulo sem as ressonâncias retóricas da *Eruditio* dos renascentistas.

⁴ Ele que foi, além de filólogo, um historiador de grande cepa, autor de descobertas que iriam abalar profundamente a história do catolicismo, ao provar a falsa doação de Constantino de terras do império romano à Igreja de Cristo, ou seja, do Papa com sua corte de cardeais e bispos no Vaticano, de fato um documento forjado.

Este esforço, em meio às flutuações terminológicas e conceituais, já é patente em sua proto-história, como acabamos de ver, quando nos séculos XVII e XVIII a expressão Ciências Morais foi criada, em analogia com Ciências Naturais, também chamadas de Filosofia Natural, ao tomar como modelo a Física de Newton, nos quadros do chamado newtonianismo moral, por obra de Hume, Smith e Condorcet. Paralelamente, em analogia com a Filosofia Natural, Hobbes irá cunhar *Filosofia Civil*, que irá rivalizar com Filosofia Moral / Ciências Morais, tendo n’O *Leviatã* e no *De Cive* os exemplos mais emblemáticos de sua visão de Ciência e de Filosofia. Lá e aqui, em meio às suas disputas cerradas com Boyle e seu experimentalismo, com sua contraparte falibilista *avant la lettre*, ou seja, antes de Popper, opondo Hobbes ao ilustre oxfordiano o mais estrito dos matematismos: o geometrismo.

Além das Ciências Morais, antes mesmo que as Ciências Humanas modernas tivessem nascido e fossem batizadas como tais ciências – ciências empíricas, ao fim e ao cabo –, a *Encyclopédia* de Diderot e d’Alembert já exibía em seu primeiro volume, datado de 1751, nas páginas iniciais, o *tableau* das áreas do conhecimento onde aparece, ao lado de Ciências da Natureza, a expressão “Ciência do Homem”. Depois será a vez de *Ciência Social*, em inglês *Social Science*, cunhada em 1824, como sinônimo de *Moral Science*, pelo irlandês William Thompson num livro de sua autoria intitulado *An Inquiry into the Principles of the Distribution of Wealth Most Conducive to Human Happiness; applied to the Newly Proposed System of Voluntary Equality of Wealth*.

Décadas mais tarde, Weber irá colocar em circulação Ciências Históricas e Ciências Culturais, não faltando Sociologia, vocábulo cunhado por Comte com a acepção de “Física Social” e depois retomado e difundido por Durkheim. Não bastasse, Weber ajudou a fixar o termo Ciência Social, que aparece estampado na importante revista da qual ele foi diretor, lançada em 1888 com o título *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* (em inglês *Archives for Social Science and Social Welfare*) e descontinuada em 1933. Por fim, foi a vez de *Sciences Humaines*, em francês, cuja certidão de nascimento data sua entrada em circulação o ano de 1942 quando foi traduzida uma das obras mais conhecidas de Dilthey, que tinha no título em alemão Ciências do Espírito, mas o editor francês achou melhor evitar o traslado literal e trocar *Esprit*, de *Science de l’Esprit*, por *Humaines*, resultando em *Introduction aux Sciences Humaines*⁵. E, concluindo o inventário, o que é importante para o nosso dossiê: ao longo desse processo não faltaram, portanto, vocábulos e alternativas, como Ciências Humanas, que logo caíram nas graças de todo mundo e o uso se disseminou ao longo do século XX, inclusive em nomes de Faculdades, no lugar de Faculdades de Artes, datadas da

⁵ Edmond Ortigues, *Sciences humaines, Encyclopædia Universalis*.

Idade Média, depois renomeadas Faculdades de Letras, bem como Faculdades de Filosofia, e ninguém mais falando de Humanidades.

Sobre a história das disciplinas, além das cinco listadas antes (Gramática, Poética, Retórica, História e Filosofia Moral), junto com as mudanças terminológicas ao serem arrancadas dos *Studia* renascentistas para serem reacomodadas na Ciência Moderna – à exceção notória da Retórica –, haverá ainda um elenco de disciplinas das Ciências Humanas e Sociais cuja certidão de nascimento atesta que elas são filhas destas ciências e surgiram de forma autônoma ou independente dos *Studia* dos renascentistas. De saída, este foi o caso da Economia, que nunca fez parte dos *Studia Humanitatis*, mas nasceu fora deles, tendo como origem remota a Matemática Econômica ligada a livros de caixa, operações bancárias, seguros marítimos etc., como bem mostrou Schumpeter em seu livro seminal. Este foi também o caso da Antropologia, nascida nas trilhas do colonialismo europeu nas Américas, na África e na Oceania, só tendo se livrado desta pecha colonialista e racista no século XX, quando seguiu outras rotas. Já a Sociologia e a Política serão arrancadas da Filosofia – Filosofia Social e Filosofia Política, que mal se distinguiam – e não saídas diretamente dos *Studia*, mas cumprindo um roteiro diferente da Antropologia e da Economia, como veremos.

Precisamente, tiveram origem na filosofia moderna, a exemplo de outras ciências, como a Física, tendo a Filosofia como ciência-mãe, quando elas ganharam autonomia no curso do século XIX ao se converterem em ciências empíricas. E o que é importante: tudo isso teve lugar num processo nada linear e com a ajuda de terminologias para lá de flutuantes, como vimos há pouco, e em todo este percurso vamos vê-las de costas para a Ética Normativa moderna e ao largo da Filosofia Moral dos renascentistas, ao seguirem as pegadas de Maquiavel, mas de um outro jeito - numa vertente, coabitando Política e Sociologia como disciplinas nas universidades europeias até século XX adentro, na Inglaterra, na Alemanha e na França, assim como no Brasil a Escola de Sociologia e Política, criada em 1933, ainda hoje existente, em São Paulo, e com Bourdieu e os durkeimianos entre os franceses falando de *Sociologie Politique* como campo disciplinar ou coisa parecida; em outra vertente, tendo as duas *branches* das Ciências Sociais se separado nos EUA em Harvard no curso do século XX e iniciado sua separação na França bem antes, em fins do século XIX, com o processo se consumando nas últimas décadas do século XX. Ou seja, quando a famosa *Sciences Po* foi criada em 1872 e tudo começou, no início chamada *École Libre des Sciences Politiques*, bem como, passados cem anos, quando em 1975 foi criada a *École d'Hautes en Sciences Sociales* e tudo terminou, na esteira da *École Pratique des Hautes Études* (1868), e em paralelo à *Sciences Po*, tendo a EHESS recebido financiamento da Fundação Rockefeller ao longo dos anos, até se consolidar. Portanto, nos dois casos franceses, as cisões se deram como frutos de iniciativas de governos e com

a participação de parceria privada numa delas, fora das Faculdades de Letras (Sorbonne, no caso), cindidas da Filosofia, desde Durkheim na França, e não tendo nada a ver com os *Studia* e seus legados.

Para terminar o quadro das novas disciplinas, há a Comunicação Social, nascida do cruzamento no século XX das TICs com a Sociologia, a Psicologia Social, a Semiótica e o Jornalismo, precedidas as TICs de outras técnicas mais remotas, como a Imprensa, ou seja, a máquina de imprimir, criada por Gutenberg no século XV, em plena Renascença, mas que só iria se disseminar no século XVIII-XIX, na esteira do iluminismo na Europa e em outras partes do mundo. Resultado: todas estas disciplinas, somando-lhes o Direito, que nasceu na Antiguidade e continuou com seu percurso próprio de ciência normativa, ou arrancadas dos *Studia* para serem reacomodadas em outro lugar e em um novo campo do conhecimento, com outro escopo e com um método diferente, empírico e observacional, não mais retórico e erudito. Ou então gestadas na Era Moderna e como obra das ciências novas, alheias e independentes dos *Studia* e das disciplinas da Erudição, ao incorporarem as ferramentas das novas tecnologias, e mesmo como efeitos e ressonâncias de antigos tecno-artefatos que se espalharam, ao darem vazão à indústria cultural, e criaram novas profissões, como a imprensa (máquina) e o jornalismo.

Podemos extrair as consequências, dar um passo a mais e concluir o segundo bloco. Pelo que foi comentado até aqui, as Ciências Humanas não são o outro nome para os *Studia Humanitatis*, que abarcam as disciplinas da Erudição e a Filosofia Moral, mas outra coisa: antes de tudo, ciências empíricas e, como tais, diferentes da Filosofia, que era sinônimo de Ciência até o início do século XIX. Por fim, separada da Ciência no séc. XIX, depois de ter-se cindido da Magia no séc. XVII, a práxis da Filosofia e o *ethos* do Filósofo, no curso da modernidade, vão perder de vez seu enraizamento na Filosofia renascentista para se converter em outra coisa. Não mais uma Filosofia Pública enraizada na *Vita Activa* dos renascentistas, como em Bruni, Salutati e Alberti, nas pegadas do Humanismo Cívico, mas se transformando numa Filosofia Técnica e Profissional e o Filósofo moderno em *Herr Professor* ou em *Scholar*, como mais um especialista disciplinar, ao trocar a *Vita Activa* pela *Vita Contemplativa* e a solidão do gabinete, como nos casos de Kant, de Heidegger, de Bergson, de Rawls e de todos nós.

Ocorre que em certas situações continuamos falando de Humanidades para designar, um pouco anacronicamente, a Filosofia e as Ciências Humanas tomadas em conjunto, como se estas fossem seu outro nome, mas aí não são os *Studia* que estão em jogo, em cuja época as ciências empíricas não existiam, porém algo diferente. Eu falei de anacronismo, por misturarem seus postulantes os contextos históricos, mas vejo

pragmaticamente o emprego do vocábulo como algo normal e longe de mim querer impugnar tal uso.

Há, contudo, um significado a mais no título da mesa que deu origem a esta discussão, ao correlacionar Filosofia e Humanidades, bem mais pungente e em que podemos ver algo novo ou diferente que vai acompanhar a nossa pergunta pela atualidade dos *Studia Humanitatis* e se eles poderiam ser relançados nos tempos de hoje. Dois significados extras, com efeito, ou, antes, duas faces ou aspectos de uma mesma relação de significação. De uma parte, a ansiedade em unificar o campo das Ciências Humanas e Sociais, depois da ultrafragmentação e da crescente impressão de solapamento e perda de relevância da agenda das Ciências Humanas e Sociais ao longo dos dois últimos séculos, justamente nos dois séculos em que elas se constituíram como tais ciências e como ciências empíricas. Ansiedade e, junto com ela, a esperança de achar a resposta ou a saída tendo como inspiração a Renascença italiana e tomando como modelo os *Studia Humanitatis*. De outra parte, a preocupação com o Brasil dos tempos atuais e com o papel e a situação das Ciências Humanas e Sociais em nosso país depois de sua constituição e seu espalhamento ao longo do século XX, hoje em indisfarçada crise de autoestima, vistas com desconfiança pelas Ciências Exatas e Naturais e, juntamente com a Filosofia, atacadas por todos os lados, pelos governantes, como agora. Voltando ao ponto, a pergunta que cabe responder é se os *Studia* e o programa das Humanidades teriam ainda o que nos dizer no plano epistêmico e, paralelamente, o que eles poderiam fazer no plano pedagógico – e, por extensão, político – nos tempos atuais.

Ora, como acabei de mostrar, tanto o projeto pedagógico quanto o programa epistemológico dos *Studia Humanitatis* estão hoje *oldfashioned* e são páginas viradas, num mundo como o atual, de pesada cultura disciplinar, acarretando a ultrafragmentação do conhecimento e levando de roldão toda veleidade de uma pedagogia unificada. Não que os *Studia* ignorassem as disciplinas e as ciências, mas porque tinham outra visão de ciência – filosófica, discursiva e retoricizada – e foram moldados numa época em que a disciplinarização do conhecimento estava no início do processo, em que já havia as fricções e os embates entre as Faculdades de Artes e de Ciências, mas sem levar à cisão entre elas e instalar verdadeiros fossos, impedindo o contato e a comunicação das áreas do conhecimento.

Atualmente, a ultrafragmentação das disciplinas e a hiperespecialização do conhecimento são uma realidade, não há como cancelar a ordem das coisas e voltar para trás. No plano epistêmico, não se trata de voltar para trás e rumar a uma época em que vigoravam o saber holístico e a cultura pré-disciplinar, ambos já em processo de desagregação desde os gregos, como mostram as obras de Aristóteles e o sistema de ensino do Liceu e da Academia, com cursos e lições distinguidos entre aqueles

franqueados a iniciados e aqueles a não-iniciados. No entanto, num tempo em que a diferença de escala e das áreas do conhecimento era bem menor em comparação aos dias de hoje, permitindo a um único indivíduo, como Platão, Aristóteles e Arquimedes na Antiguidade, bem como Roger Bacon quase mil anos depois em plena Idade Média, ou Descartes no início da Era Moderna, dominarem e operarem com todo o conhecimento existente e disponível em suas respectivas épocas. Hoje não mais, devendo o estudioso e o especialista que querem vencer a ultrafragmentação das disciplinas e a hiperespecialização do conhecimento caminharem para frente e buscarem a cooperação das disciplinas, não podendo se contentar com as disciplinas do *Trivium* e do *Quadrivium*, como acabamos de ver. Nem se contentar, no campo das Humanidades e, virtualmente, no campo mais amplo das Ciências Humanas e Sociais modernas, com o elenco daquelas sete matérias que passaram a fazer parte dos *Studia Humanitatis*. Nem, igualmente, fazer da Filosofia Moral exclusivamente, menos ainda a Retórica, a disciplina-piloto das novas Humanidades, ao relançar o seu projeto, como se tudo dependesse de um ato de vontade: simplesmente, não é uma questão de comando ou de prerrogativa, numa relação *top-down* e de hierarquia ou de subordinação, mas uma relação de cooperação *side by side* e horizontal em toda sua extensão. Em suma, esta é a tese que eu venho defendendo em minhas pesquisas e publicações ao pensar a cena contemporânea do conhecimento, frente ao desafio maior de vencer a ultrafragmentação das disciplinas e a hiperespecialização do conhecimento, inspirado historicamente no exemplo dos *Studia*, mas desafiado a ir além deles, ao perguntar por sua atualidade, ou melhor, pela atualidade de sua mensagem pedagógica e epistêmica.

Que fique claro: não se trata do *Trivium* e do *Quadrivium*, nem da reforma do *Trivium* levada a cabo pelos *Studia* no curso da Renascença italiana, já tendo passado mais de quinhentos anos quando sua experiência chegou ao fim, mas de repensar e reformar em profundidade a Universidade Moderna ultrafragmentada, hiperespecializada e taylorista. Trata-se de moldar uma nova pedagogia e uma nova proposta epistemológica, ambas talhadas para o campo das Ciências Humanas e Sociais, as quais poderão herdar dos *Studia* a ideia de um ciclo introdutório dos estudos de dois anos, com duas metas ou dois objetivos principais: primeiro, nivelar a todos na busca e na exercitação da cultura das Humanidades em sentido amplo, digamos assim, e depois proporcionar a oportunidade da especialização disciplinar, visando a aquisição de uma habilidade ou mesmo de uma especialidade, melhor dizendo. Dois exemplos são [i] o ciclo de estudos do famoso Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt idealizado por Adorno, Horkheimer e Marcuse, tendo como unidade epistêmica e pedagógica o Materialismo Interdisciplinar, com o marxismo reformado, ou neo-marxismo, fazendo as vezes de disciplina piloto ou pivô, e hoje funcionando em novas

bases; [ii] os Bacharelados Interdisciplinares de Harvard e de outras universidades norte-americanas de ponta, em moldes parecidos aos *Studia*, com cerca de dois anos de duração, mas em bases diferentes e consideravelmente mais amplas, sem disciplina-piloto, mantendo todavia a ideia de prolegômenos e de formação horizontal.

Concluindo o segundo bloco, a consideração dessas coisas nos traz de volta o significado adicional da ideia de Humanidades e suas duas vertentes ou suas duas faces. Nomeadamente, o projeto pedagógico e o programa epistemológico da unificação do conhecimento e do ensino levados a cabo pelos *Studia Humanitatis* no contexto da Renascença italiana, com a Filosofia Moral e a Retórica de mãos dadas, cumprindo a função de pivô ou disciplinas-piloto. A saber: ao juntar as coisas, em busca do fio da meada, trata-se do Humanismo Cívico e da sua mensagem em defesa da Filosofia Pública, bem como do papel do Filósofo como intelectual público com forte envolvimento com a vida civil e as urgências do tempo, como já comentado.

3. Filosofia e Humanidades no Brasil: atualidade e desafios⁶

Passando para o Brasil, eu vejo nessa mensagem e suas ideias-força um dos grandes legados dos *Studia* e da Renascença italiana, e, ao mesmo tempo, sua imensa atualidade. Como veremos na sequência, uma mensagem e um legado de imensa atualidade não apenas para os países centrais do hemisfério norte, com suas agendas pós-iluministas e pós-renascentistas, e, no entanto, desbussolados e com o tecido social esgarçado, depois de décadas de neoliberalismo. Mas, igualmente, de imensa atualidade para o nosso país, às voltas com os desafios da nossa realidade sumamente ingrata, e na qual nos vemos atados a um passado colonial pré-iluminista e mesmo pré-renascentista. Por um lado, mais especificamente, veremos no plano mundial a via ou a maneira de a Filosofia de nossos dias reaver a alma perdida, depois da vitória da Filosofia Técnica e do *Scholar* por toda parte. Por outro, depois de séculos de transoceanismo, com a cabeça na Europa, vítimas do mal de Nabuco, como se diz, veremos a via ou a maneira de o filósofo brasileiro colocar em sua agenda o Brasil e num tempo como o de hoje, com a nossa identidade coletiva de nação em xeque. Vale dizer, sem um “Nós” coletivo no horizonte nos definindo como país e como povo, e com uma

⁶ As referências para o 3º bloco são as entrevistas e os artigos de minha autoria, versando sobre tópicos específicos ao sabor das conjunturas como o COVID 19 e a questão das humanidades no início do governo Bolsonaro, podendo ser destacados: “Discurso de Véllez tem componente ideológico e narrativa persecutória” diz filósofo, 2019. Ver também “Future-se: a substituição do *ethos* pelo *business*”, entrevista especial com Ivan Domingues, Portal *Humanitas*, Unisinos 29 de agosto de 2019, matéria assinada por Patrícia Fachin. Ver, enfim, “Tempos Pós-Corona”, 2020.

boa parte da população ainda vivendo na Idade Média, vale dizer, a nossa, a da casa-grande & senzala, longe das luzes da razão e do Iluminismo, que nunca se espalharam por aqui, e de costas para o legado e a mensagem da Renascença.

Este é, portanto, o ponto e tal é o nosso desafio. Não estou exagerando, é isso mesmo, o país continua prisioneiro do arcaico e nunca saímos da “casa grande & senzala”, com seus estamentos e privilégios, com tudo se decidindo na esfera do privado e sem a esfera pública onde resolver os conflitos e os diferendos da política. Donde a crise de anomia de graves proporções pela qual nosso país está passando, sem a ideia de lei, de norma e de protocolos. O direito é do mais forte e poderoso e a lei só vale para os adversários e os inimigos, igualmente os protocolos, sanitários ou não: donde a *a-nomia*, com o “a” de privação, privação do “nomos”, lei em grego; portanto, uma país sem lei, sem justiça e sem estado de direito. Donde um país doente que precisa ir para o divã e processar a volta dos recalques imemoriais que estão no centro de nossos desatinos e ameaçam levar tudo de roldão. Considerando tudo o que ocorreu nestas paragens desde o Brasil Império, o nome que eu dei a esse estado de coisas em artigos, conferências e entrevistas foi *Ancien régime* ao qual estamos atados até hoje, em meio às trevas da ignorância e da superstição, num país em que as luzes da Razão e do Iluminismo nunca chegaram por aqui. Salvo por pouco tempo, meio bruxuleantes, em Ouro Preto e em Salvador no fim da Colônia, ao passo que por toda parte estivemos de costas, durante todos esses séculos, à mensagem da Razão Pública e da Filosofia Pública dos renascentistas italianos.

Em suma, um país pré-republicano, pré-moderno e ainda na Idade Média, com suas hierarquias, seus estamentos, seus feudos e seus privilégios, como foi comentado, a casa-grande tendo ficado no lugar do *château*, como se fosse o nosso *château*, e como bem o mostram nossas conhecidas cenas públicas, nas ruas, nas repartições e por toda parte, onde todo mundo que pode dá carteirada e pergunta se sabemos com quem estamos falando. Por fim, para fechar o quadro, é o que também o mostra o mundo da política, que vive noutra galáxia, a anos-luz da República e das boas práticas republicanas, e ainda, fazendo mais política do que justiça, é o que mostra o sistema do judiciário, com seu corporativismo arraigado e erigido desde o primeiro reinado, ao reativar as ordenações filipinas e alfonsinas, pouco mudando depois.

Então, não é difícil entender por que nesse cenário tão nosso e com raízes tão profundas, as Humanidades, e junto com elas as Ciências Humanas e a Filosofia, foram e ainda são tão atacadas na hora atual, ao se falar de marxismo cultural e coisas do gênero. Não certamente por sua irrelevância ou algo parecido, o que não faria sentido e elas seriam esquecidas, mas por serem potencialmente instâncias da crítica, por necessidade e por índole, ao estabelecer as fontes e proceder à crítica dos fatos

ou dos dados nas ciências empíricas, e mais ainda na Filosofia no exame das ideias e dos valores, podendo a crítica ser ainda mais demolidora e devastadora.

Ao falar de volta à cena dos cientistas e intelectuais, num país de coeficiente baixo de cidadania e com um espaço público ainda exíguo para as proporções geográficas do território e sua demografia agigantada, estou falando de potencialidades as quais não foram ainda exercitadas e difundidas nos meios culturais brasileiros com a extensão e a densidade requeridas. Especialmente no tocante à Filosofia, que nunca mostrou cabalmente a que veio nessas paragens, quer na esfera privada, menos ainda na esfera pública, à diferença da História, da Sociologia, da Antropologia e da própria Literatura.

Sobre esse tópico, concluindo o terceiro bloco, antecipo três diretrizes da pesquisa que não pude desenvolver a contento, estando a investigação ainda em curso, ao questionar a atualidade das Humanidades e o papel da Filosofia na cena contemporânea e no Brasil de hoje:

1. A ideia de que o grande legado dos *Studia Humanitatis* que guarda grande atualidade é o engajamento e o papel do filósofo e do pensador como intelectual público, com forte envolvimento com a vida civil ou a vida da cidade. Trata-se, como vimos, do resgate do Humanismo Cívico de Leonardo Bruni, Colluccio Salutati e Leon Battista Alberti, e cujo outro nome hoje é Republicanismo. Resgate que acarreta a necessidade de articular a ética republicana e o ideário político da democracia, que nunca se cruzaram por inteiro na Renascença italiana, como mostra a história das oligarquias, dos Médicis e do Papado (muitos dos supremos pontífices e dos cardeais saídos dos Medicis, como o papa Leão X, ou de outras famílias toscanas). De resto, nunca se cruzaram completamente, república e democracia, nem antes, senão por pouco tempo nas cidades-estados gregas, nem depois da Renascença, mesmo em Veneza com o Ducal dividindo o poder com duzentas famílias, e se convertendo a agenda de sua fusão ou ligação na grande urgência dos tempos atuais por toda parte e mais ainda no Brasil, que nunca saiu do *Ancien régime* e de casa grande & senzala até hoje;

2. A urgência de restabelecer a comunicação entre as disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, tanto elas entre si quanto com a própria Filosofia. Num tempo como o de hoje e num ambiente como o nosso, de pesada coerção produtivista e ultraespecialização do conhecimento, em que as disciplinas estão encasteladas e se ignoram, a saída que eu vejo, na linha das Humanidades, é apostar firme na *interdisciplinaridade*, como foi dito antes, por toda parte e também no Brasil. E, desde logo, reservando à Filosofia o papel de disciplina-piloto das Humanidades, senão de disciplina-pivô, melhor dizendo, e ao mesmo tempo reservando ao Filósofo não o papel do Mago ou do Taumaturgo, mas de Hermes, o deus mensageiro dos gregos,

reconectando e restabelecendo a comunicação das áreas, ao abrir as vias para o filósofo intelectual público. Porém, a tarefa não será fácil e não é pensada para uma universidade como a de hoje, taylorista, saturada e decadente;

3. Na esteira do Humanismo Cívico e do envolvimento do intelectual com a vida civil dos povos no espaço público das cidades, lançar as bases pedagógicas e epistêmicas para a educação das mentes visando as urgências do tempo e o exercício de uma nova cidadania, ao cruzar República e Democracia, como referido. Trata-se, além do mais, de lançar as bases interdisciplinares do conhecimento referidas antes e modelar uma nova cidadania, incluída a epistêmica, mais além do campo da política, ao se abrir às esferas da cultura e do social. Onde a expressão “forte envolvimento com a vida civil”, com os intelectuais atuando como *experts* interpostos entre a ciência e a sociedade, ao mostrar, por exemplo, que o COVID 19 percorre diferentes rotas sociais antes de chegar aos hospitais e às CTIs. E tendo como agente um novo cidadão alfabetizado em ciência, tecnologia e humanidades.

Bibliografia

- Cassirer, E. ; Kristeller, P. *et al.* (org.) (1948). *The Renaissance Philosophy of Man: Petrarca, Vallia, Ficino, Pomponazzi, Vives*. Chicago: The Chicago UP.
- Domingues, I. (1999). *O grau zero do conhecimento: o problema da fundamentação das ciências humanas*. São Paulo: Loyola.
- _____ (2020). *Foucault, a arqueologia e As palavras e as coisas – Cinquenta anos depois*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- _____ (2013). “A universidade e o mundo contemporâneo”. in: Paula, J. A. (org.). *Fórum de estudos contemporâneos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial da UFMG.
- _____ (2013). *Interdisciplinaridade: análise do projeto General Education de Harvard*. Belo Horizonte: UFMG.
- _____ (2014). “O sistema de comunicação da ciência e o taylorismo acadêmico: questionamentos e alternativas”. *Estudos Avançados*, v. 28, nº. 82, São Paulo, dez 2014.
- _____ (2019). “Discurso de Vélez tem componente ideológico e narrativa persecutória, diz filósofo”. *Época*, 18/03/19 (entrevista).
- _____ (2019). “Future-se: a substituição do ethos pelo business, entrevista especial com Ivan Domingues”. Portal *Humanitas*, Unisinos 29/08/19, matéria assinada por Patrícia Fachin.
- _____ (2020). “Tempos Pós-Corona”. *Humanitas*, nº. 139, p. 69-74, nov 2020.
- Foucault, M. (1966). *Les mots et les choses : une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard.
- Garin, E. (1975). *Educazione umanistica in Itália*. Roma: Laterza.

- _____ (org.) (1991). *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial Presença.
- Gusdorf, G. (1966-1985). *Les sciences humaines et la pensée occidentale*. 12 vols. Paris: Payot.
- Kristeller, P. (1995). *Tradição clássica e pensamento do renascimento*. Lisboa: Edições 70.
- Snow, C. P. (2015) *As duas culturas e uma segunda leitura*. São Paulo: EDUSP.
- Schumpeter, P. (1964) *História da análise econômica*. 3 vol. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura / USAID.